



## A MEMÓRIA DISCURSIVA NOS POEMAS DE DRUMMOND

Grace Terra Santos Agra<sup>1</sup>

Nadia Pereira Gonçalves de Azevedo<sup>2</sup>

### Introdução

Os textos literários são dotados de discursos diversos. Nos poemas, o eu lírico carrega com ele também a voz do autor, de um sujeito inconsciente, marcado ideologicamente. Nesse âmbito, o poeta Carlos Drummond de Andrade traz em seus textos questões sociais, políticas e amorosas, temas que sempre estiveram presentes na sociedade, ou seja, discursos que já foram ditos antes. Desse modo, os poemas de Drummond estão dotados de interdiscursos, insertos em uma rede de memória discursiva.

De modo inconsciente, o sujeito repete discursos ditos em outras épocas, acreditando ser ele o autor do enunciado PÊCHEUX (1969). No entanto, o interdiscurso está sempre presente em outros discursos. Isso é feito por meio da repetição em que as formações discursivas estão presentes na memória social. Nesse contexto, esse trabalho tem como objetivo analisar a memória discursiva nas poesias de Carlos Drummond de Andrade, identificando o interdiscurso presente nos textos, bem como os efeitos de sentido causados. Além disso, será verificada a repetibilidade dos discursos e a relação da heterogeneidade com os textos de Drummond.

Para estudar esse pressuposto, foram analisados dois poemas de Drummond, com temas distintos, relacionando-os com a teoria da Análise do Discurso de Linha Francesa, tal como delineada por Pêcheux e desenvolvida no Brasil por Orlandi e seguidores. No mundo acadêmico, tal pesquisa faz-se necessária, uma vez que ainda não se tem muitos estudos sobre o tema, oferecendo como contribuição uma análise discursiva sobre os poemas drummonianos.

### 1. A Análise do Discurso de Linha Francesa e a poesia de Drummond

A Análise do Discurso de Linha Francesa surge em 1960, com o objetivo de compreender os efeitos de sentido provocados pelos discursos. Por meio do estudo do sujeito e dos elementos que compõem o discurso, se entenderá o funcionamento do mesmo, bem como o efeito dos sentidos que nele estão contidos.

Carlos Drummond de Andrade foi um grande nome da literatura no século XX e ainda é considerado, por alguns críticos, como um dos mais expressivos poetas. Suas obras são marcadas

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências da Linguagem (UNICAP)

<sup>2</sup> Professora/Pesquisadora do PPG em Ciências da Linguagem (UNICAP); Doutora em Letras e Linguística (UFPB)

pelos momentos vividos da época e por ele conseguir refletir poeticamente as inquietudes do momento social do século XX.

Os discursos dos poemas de Drummond são formados pelas condições de produção de uma determinada época e traduzem os pensamentos sociais de determinados momentos do país.

### 1.1 Drummond em poucas palavras

Carlos Drummond de Andrade nasceu em 1902, na cidade de Itabira, Minas Gerais. Faleceu em 1987 e é considerado por alguns críticos o principal poeta brasileiro do século XX. A família do poeta era ligada às tradições do local, isto é, era composta por fazendeiros e mineradores. Foi jornalista e funcionário público. No ano de 1925, fundou *A Revista*, com outros colegas, sendo uma mídia modernista de Minas Gerais. Influenciado pelo movimento modernista<sup>3</sup>.

De acordo com o próprio Drummond (1988), foi integrante do Partido Comunista na década de 1940 e simpatizante das causas socialistas, chegando a fazer parte de um dos exemplares de um jornal comunista. Entretanto, logo depois, decepcionou-se, desligando-se completamente do jornal e do partido, sendo marcado por um ceticismo político. Carlos Drummond de Andrade escreveu, aproximadamente, 55 obras (poesias, prosas, antologias, literatura infantil, charge) entre 1930 a 1986. Foi poeta e prosador com os contos e crônicas.

### 1.2 A Análise do Discurso de Linha Francesa

A Análise do Discurso (AD) surge em 1960, no terreno da ideologia, sociologia e da linguística, sofrendo influência do estruturalismo de Saussure e do projeto filosófico de Althusser. Nesse campo, a linguística aparece na vertente do estudo da linguagem para analisar as ideologias sociais.

Pêcheux (2012) não vê a AD inserida no campo da Linguística, mas sim em outra esfera que retrata questões relativas à ideologia e ao sujeito. Isto é, a Análise do Discurso ultrapassa os limites da Linguística, uma vez que vai além dos campos sintáticos, morfológicos e semânticos, abordando questões ideológicas e estudos sobre o sujeito.

A psicanálise lacaniana compreende o sujeito dividido entre o consciente e o inconsciente, entretanto estruturado a partir da linguagem. De acordo com Pêcheux (2012), o sujeito representa as ideologias do meio social no qual está inserido e não o seu próprio pensamento.

Por meio da concepção do materialismo histórico, a AD concebe o discurso como “uma manifestação, uma materialização da ideologia decorrente do modo de organização dos modos de produção social” (MUSSALIM, 2012, p.122).

---

<sup>3</sup> Movimento literário que buscava romper com os padrões estéticos vigentes. Pregava-se o verso livre, sem rima e uma linguagem mais brasileira.

O discurso não é apenas uma transmissão de informação, segundo Orlandi (2001, p. 21) “é o efeito de sentidos entre locutores”. De acordo com Pêcheux (1969), um discurso não pode ser analisado como um texto, mas é preciso fazer referência a outros discursos possíveis, tendo como base as condições de produção. Isto é, para Pêcheux, todo discurso deve ser estudado de acordo com as condições de produção. Malidier (2003, p. 21) afirma que

o discurso deve ser tomado como um conceito que não se confunde com o discurso empírico sustentado por um sujeito, nem com o texto, um conceito que estoura qualquer concepção comunicacional de linguagem (2003, p.21).

## 2. Memória discursiva e interdiscurso

Segundo Indursky (2011), a memória discursiva está ligada a existência histórica do enunciado enquanto prática discursiva inserta por aparelhos ideológicos, ou seja, os enunciados estão dentro das formações discursivas, em que recebem seus sentidos. Para Indursky,

se a memória discursiva se refere aos enunciados que se inscrevem em uma FD, isto significa que ela diz respeito não a todos os sentidos, como é o caso do interdiscurso, mas aos sentidos autorizados pela Forma-Sujeito no âmbito de uma formação discursiva. Mas não é só: a memória discursiva também diz respeito aos sentidos que devem ser refutados. Ou seja: ao ser refutado um sentido, ele o é também a partir da memória discursiva que aponta para o que não pode ser dito na referida FD. (2011, p. 87)

A memória discursiva, além de consolidar e mover sentidos, também provoca o esquecimento dos mesmos. Por exemplo, alguns sentidos que em uma determinada época podiam ser produzidos em uma formação discursiva, não podem mais ser mencionados, lembrados, por conta das mudanças sociais e ideológicas.

O interdiscurso é fundamental para compreender o discurso, pois o fato de haver um já-dito vai dar a base de todo o dizer, facilitando o entendimento da relação entre discurso, sujeito e ideologia. Para que as palavras façam sentido, é necessário que já tenham feito antes. Ainda segundo Orlandi (2001, p. 33), “o interdiscurso é o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos”.

Diferente do interdiscurso, a heterogeneidade é compreendida, em termos gerais, como sendo o discurso atravessado por outros discursos ou pelo discurso do outro. Entre esses discursos vários, vincula-se a contradição, o confronto, a contemplação ou a dominação.

De acordo com Maingueneau (2008, p. 31), os linguistas definem dois modos da existência do outro em um discurso: o primeiro se dá por meio da heterogeneidade mostrada, e o segundo mediante a heterogeneidade constitutiva. Para distinguir uma a outra, Maingueneau afirma que a heterogeneidade mostrada

[...] é acessível aos aparelhos linguísticos, na medida em que permite apreender sequências delimitadas que mostram claramente sua alteridade (discurso citado, auto-correções, palavras entre aspas etc....). (2008, p. 31)



Este mesmo autor salienta que a heterogeneidade constitutiva

[...] não deixa marcas visíveis: as palavras, os enunciados de outrem estão intimamente ligados ao texto que elas não podem ser apreendidas por uma abordagem linguística *stricto sensu* (2008, p. 31).

A heterogeneidade constitutiva, portanto, retrata a impossibilidade de encontrar linguisticamente a existência do outro no discurso e, no entanto, a heterogeneidade mostrada aponta a presença do outro no discurso do locutor, sendo somente esta acessível aos recursos linguísticos, pois exhibe de modo claro de onde vem o discurso do outro.

### 3 Analisando Drummond

De acordo com a teoria da Análise do Discurso de Linha Francesa, os poemas de Carlos Drummond de Andrade foram analisados com o objetivo de identificar a presença da memória no âmbito do discurso, destacando o interdiscurso, a repetibilidade e ressignificação, além da heterogeneidade. Sob tal ótica, foram estudados os poemas *Quadrilha* e *Caso do vestido*.

#### 3.1 Quadrilha

O poema *Quadrilha* pertence à obra *Alguma Poesia*, que foi publicada em 1930. Essa obra representa a fase *gauche*, em que se podem encontrar recursos como o humor, a ironia, a linguagem coloquial, o poema-piada e a síntese, como vistos no decorrer da pesquisa.

Nesse poema, Drummond aborda, de um modo irônico, como tema, o eterno desencontro, ressaltando o discurso de que sempre se ama a pessoa errada. Podemos verificar nos versos “João amava Teresa que amava Raimundo/ que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili/ que não amava ninguém”. Tal formação discursiva provém de outros discursos de tempos remotos, quando alguém tem uma decepção amorosa.

Nesses versos, o sentido não deslizou para outra formação discursiva. Além disso, há a presença da heterogeneidade constitutiva, pois nos versos de Drummond, não está sendo mostrado de fato o outro no discurso, não se sabe a autoria do discurso, mas entende-se que há um interdiscurso, pois o dizer: *sempre se ama a pessoa errada* já foi dita antes, tal discurso já foi dito em outro lugar, é o já-dito, de acordo com Pêcheux (2012), é o pré-construído.

Segundo Orlandi (2001), as palavras não são dos enunciadores, por meio da língua e da história elas vão significando, perpassando os discursos, fazendo pensar que o sujeito sabe o que diz. No entanto, o que ele discursa já foi dito antes, em outra época, porém ele não tem a consciência disso.

#### 3.2 Caso do vestido

O *Caso do Vestido* foi publicado em 1945, na obra *Rosa do povo*. Por conta das condições de produção da época, em que o mundo estava vivendo momentos críticos políticos e períodos de Guerra, Drummond volta-se para o lado social em seu discurso. Nos longos versos, o tema abordado



é a submissão feminina, a traição do marido para com a mulher. O texto mostra a mulher traída que, de certa forma, aceita a traição. Ela sofre, adoce, mas quando o marido regressa, ela o aceita e prefere acreditar que tudo o que sofrera foi um sonho.

A mulher é vista como submissa no poema, fato que pode ser observado nos seguintes versos “Olhou pra mim em silêncio,/ mal reparou no vestido/ e disse apenas: Mulher,/ põe mais um prato na mesa./ Eu fiz, ele se assentou”. O discurso da submissão feminina vem de séculos passados, de uma sociedade patriarcal da época. Nesse tempo, a mulher não podia trabalhar, vivia dependente do homem e submissa às suas vontades. Esse discurso está inserido na memória discursiva, a memória social, apresentando, como no poema anterior, a heterogeneidade constitutiva, uma vez que não está expresso quem é o autor do discurso dentro do discurso de Drummond (interdiscurso).

Nesse poema, o sentido é refutado, pois na sociedade de hoje, o discurso está inserido na formação discursiva da *nova mulher*, em que ela luta por direitos iguais aos dos homens. O discurso da mulher atual é o da mulher que possui uma profissão, não sendo mais dona de casa, estando no mesmo patamar do marido, não mais submissa. De acordo com Indursky (2011), “ao ser refutado um sentido, ele o é também a partir da memória discursiva que aponta para o que não pode ser dito na referida FD”.

### **Considerações finais**

Carlos Drummond de Andrade foi um poeta modernista brasileiro de grande expressão no século XX. O discurso das suas obras foi marcado pelas condições de produção da época, fazendo com que a obra do poeta fosse dividida em fases.

No decorrer da pesquisa, foram estudados dois poemas de Drummond sob a teoria da Análise do Discurso de Linha Francesa, em que foi constatada a presença do interdiscurso nos poemas, ratificando que todo e qualquer discurso é formado a partir de um outro já dito antes, em outro lugar.

Também foi notada a presença da heterogeneidade constitutiva nos versos de Drummond. Nos textos, não são identificados os autores dos discursos inseridos no discurso de Drummond, mas sabe-se que esses discursos heterogêneos estão presentes. Nota-se que o sujeito é inconsciente e ideológico, ele repete os discursos, fazendo uso do pré-construído, sem ter a consciência disso. O sujeito acredita que é o dono do seu próprio discurso, quando na verdade não há controle sobre o dizer (há a ilusão do controle, o efeito de evidências). O que há é a memória discursiva, marcada pelo social, pela repetibilidade, como foi verificado nos versos de Drummond.

Foi percebido, também, que os sentidos podem ser refutados, negados, de acordo com as formações discursivas e a posição-sujeito. Tal fato foi verificado no poema *Caso do Vestido*, uma vez que o discurso presente no poema não existe mais na sociedade atual. A memória discursiva remete aos sentidos autorizados de acordo com a posição-sujeito no âmbito de uma formação discursiva.



Nesse caso, a memória discursiva regula o que pode e o que não pode ser dito em uma formação discursiva.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Carlos Drummond. *Antologia poética*. São Paulo: Companhia das letras, 2012.
- ANDRADE, Carlos Drummond. Carlos Drummond de Andrade. *Textos selecionados por Rita de Cássia Barbosa*. 2.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- BENTES, Ana Christina; MUSSALIM, Fernanda. *Introdução à Lingüística 2*. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- INDURSKY, Freda. MITTMANN, Solange. FERREIRA, Maria Cristina. *Memória e história na/da Análise do Discurso*. 1.ed. São paulo: Mercado de Letras, 2011.
- MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Campinas-SP: Pontes, 2003.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. 3.ed. São Paulo: Parábola, 2008.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 3.ed. São Paulo: Pontes, 2001.
- ORLANDI, Eni P. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 3.ed. São Paulo: Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, Michel. *Análise de Discurso*. 3.ed. São Paulo: Pontes, 2012
- PÊCHEUX, M. *Análise Automática do Discurso* (1969). In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.) *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1990.